

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA

FELIPE JOSÉ DE SOUZA MAFRA
NATÁLIA DE OLIVEIRA LIMA

“O MEDO E O LIDAR COM A MORTE EM PACIENTES ONCOLÓGICOS, que se refere ao capítulo 28 do livro “TANATOLOGIA : DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER”.

MACEIÓ
2021

FELIPE JOSÉ DE SOUZA MAFRA
NATÁLIA DE OLIVEIRA LIMA

“O MEDO E O LIDAR COM A MORTE EM PACIENTES ONCOLÓGICOS, que se refere ao capítulo 28 do livro “TANATOLOGIA : DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER”.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso
de Medicina da Universidade Federal
de Alagoas
Orientador: Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ
2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

— Gerson Odilon Pereira —



TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA
DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER
GERSON ODILON PEREIRA (ORG.)

Capa
Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa
Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento
Editora e Gráfica Santuário Aparecida
Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados
Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chás 222 – Indaiatuba
08387-021 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 4039-4040
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon
Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira (org.). -- São Paulo :
SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937
19-30764 -612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos
155.937
 2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67
- Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

Felipe Augusto Fagundes Camillo – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Felipe Dias dos Santos – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Felipe José de Souza Mafra – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Felipe Mendonça Rocha Barros – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Felipe Vieira Spalenza – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Fernanda Lemos de Souza Ribeiro – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Fernanda de Lima Loureiro – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Fernando Guilherme Silva Ayres – Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), área de Estudos Literários. Graduado em Filosofia. Especialização em História do Nordeste e em Maçonologia – História e Filosofia. Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente.

Fernando Tenório Gameleira – Médico neurologista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em eletroencefalografia pela Associação Médica Brasileira.

Flavia Emanuely Alves França Gomes – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Francielle Carla Marques Dutra – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Francisco de Assis Costa – Mestre e doutor em Cardiologia pela Universidade Federal de São Paulo (USP). Professor de Cardiologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de Alagoas.

Franklin Moreira Leahy – Graduado em Odontologia pela UFBA (Bahia). Especialista em Anatomia Topográfica da Face pela USP (SP). Es-

pecialista, Mestre e Doutor em Implantodontia pela SLMandic (SP).

Gabriel Lessa de Souza – Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Gabriel Marcelo Rego de Paula – Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário CESMAC, Maceió – AL.

Gabriela Castro Guimarães – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário CESMAC, Maceió – AL.

Gabriela Tenório Silva Cavalcante – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Gabriele Maria Barros Pimentel Tenório – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Geanderson Santana da Silva – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió – AL.

Genival Veloso de França – Médico e Bacharel em Direito. Ex-professor titular da Disciplina de Medicina Legal nos cursos de Medicina e Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ex-Secretário do Conselho Federal de Medicina. Ex-Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba. Membro da Junta Diretiva da Sociedade Ibero-Americana de Direito Médico (SIDEME). Várias obras publicadas, entre elas: Medicina Legal, 10ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, Direito Médico, 12ª edição, Rio de Janeiro: Editora Forense. Comentários ao Código de Ética Médica, 6ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. Fundamentos de Medicina Legal, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. Ex-Professor de Medicina Legal nos cursos de Direito e Medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Giovanni Nogueira Calfa – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Guilherme José Novelli Costa – Acadêmico do curso de Direito do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Glauber Gotardo Pinheiro dos Santos – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Milton Santos Melo Neto – Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário CESMAC, Maceió – AL.

Mirla Francisca Rocha Ribeiro – Acadêmica do curso de Medicina no Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Mirna Soares Moreira – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Monalise Lacerda Malta Brandão – Acadêmica do curso de Medicina pelo Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Natália Costa Larré – Acadêmica do curso de Medicina no Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Natália de Oliveira Lima – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Natália Fernandes Mafassini – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Nayara Maria de Albuquerque Ricardo – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Nayara Sandriele Santana de Souza – Acadêmica do curso de Medicina no Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Nicole Brandão Barbosa de Oliveira – Acadêmica do curso de Medicina no Centro Universitário CESMAC, Maceió – AL.

Paula Carvalho Lisboa Jatobá – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Pedro Henrique Arêdes Lima – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Pollyanna Carla Camêlo de Araújo – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Plúvia Cristalina de Góis e Melo – Graduada em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2011 e Residência Médica em Psiquiatria pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), em 2016. Formação em Psiquiatria Forense pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP – SP.

Rafael Luiz do Rego Silva – Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), Recife – PE.

Rafael Noronha Acácio – Formado em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (FDSBC). Advogado inscrito na OAB/SP.

Rafaella Andrade Leite – Formada em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Raíssa Ferreira de Moraes Guimarães – Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Raynara Uchôa Gomes – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renan Vieira – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renata Alicya Alves dos Santos – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renata de Sá Barreto Pontes – Acadêmica do curso de Medicina no Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió – AL.

Renata Ferreira Badilho – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renata Stefanny Alves Leite – Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renata Torres de Andrada Ferraz – Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Renato Evando Moreira Filho – Graduado em Medicina e Direito pela Universidade Federal do Ceará – UFC/Fortaleza. Mestre e Doutor pelo Departamento de Patologia e Medicina Legal – Faculdade de Medicina/UFC. Especialista em Medicina Legal e Perícias Médicas pela Associação Brasileira de Medicina Legal e Perícias Médicas. Especialista em Direito Médico, Direito Administrativo e em Direito Processual Civil e Penal (UNIARA – SP).

Rodolfo Mathias Barros Cardoso – Acadêmico do curso de Medicina na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL.

Capítulo 26

Varição das Taxas de Mortalidade por Tipo de Câncer no Brasil, 2000 e 2016	96
Lorraine Rezende de Sousa	
Raynara Uchôa Gomes	
Thiago Alessandro Madeiro de Queiroz	

Capítulo 27

Tanatofobia	101
Beatriz Leão Braga Nogueira	
Lara Moraes Theotônio	
Marta Clara Rodrigues Amaral	

Capítulo 28

O Medo e o Lidar com a Morte em Pacientes Oncológicos	106
Fábio Sousa de Moraes	
Felipe José de Souza Mafra	
Natália de Oliveira Lima	

Capítulo 29

Comunicação de Má Notícia no Contexto de Morte	109
Caroline Dettmann Vieira	
Karine Nobrega Cavalcanti	

Capítulo 30

A Morte no Divã: O Efeito das Mortes Catastróficas	114
Gustavo Castro Guimarães	
Maykon Wanderley Leite Alves da Silva	
Plúvia Cristalina de Góis e Melo	

Capítulo 31

Perspectiva Psiquiátrica e Psicológica no Luto	118
Jéssyca Andrade Leite	
Liliane Batista de Lira	
Nayara Maria de Albuquerque Ricardo	

Capítulo 32

A Morte sob a Ótica do Assassino em Série	122
Camila Borges de Mendonça	
Higgor Amadeus Martins	
José Victor de Mendonça Silva	

O Medo e o Lidar com a Morte em Pacientes Oncológicos

Fábio Sousa de Moraes
Felipe José de Souza Mafra
Natália de Oliveira Lima

A concepção individual sobre a morte, ao longo da transição de Eras históricas, modificou-se à medida que as influências externas – religiosas, políticas, étnicas, econômicas ou filosóficas – mudaram de perfil com a chegada da contemporaneidade. Se, na Idade Média, a atitude diante da morte correspondia a uma expectativa de purificação, sendo até mesmo desejada, na atualidade, a contemplação da morte, majoritariamente, envolve angústias pessoais e temores, os quais rejeitam, sobretudo, o processo do morrer (SOUZA; BOEMER, 2005).

Mesmo com os avanços obtidos pelas pesquisas científicas – com a perspectiva de tratamentos inovadores – e com a ampliação do acesso à saúde ocorridos a partir da década de 80 no Brasil, o câncer ainda é uma das enfermidades mais atreladas à terminalidade da vida. Isso porque é inegável o seu caráter devastador: atinge todas as classes sociais e sempre está associado a altos índices de mortalidade nas sociedades. Embora os avanços na terapêutica oncológica, como, por exemplo, tratamentos avançados com drogas cada vez mais eficientes contra o tumor, novos procedimentos cirúrgicos, radiação, transplante de medula óssea, controladores da imunidade e novas combinações de agentes quimioterápicos, tenham proporcionado um aumento no número de sobreviventes, ainda há uma grande parcela de pacientes em que o câncer evolui para uma forma resistente ao tratamento. Nesse aspecto, os objetivos visam não mais a medidas curativas, e, sim, a medidas paliativas (BORGES et al., 2006).

Constata-se na literatura que as experiências relacionadas à percepção da morte pelo paciente oncológico têm relação particular com cada fase de desenvolvimento, sendo que crianças, adolescentes, adultos e idosos possuem visões diferentes acerca da terminalidade da vida de acordo com a experiência vivenciada no estágio em que se encontram. Em virtude disso, compreender as peculiaridades de cada fase seria de suma importância, uma vez que programas de assistência e reabilitação psicossocial são planejados de modo a atender às necessidades de grupos específicos (BORGES et al., 2006).

A possibilidade de ser acometido por uma enfermidade muitas vezes fatal como o câncer causa um confronto entre a necessidade de se viver mais, provando a finitude da vida, a qual geralmente é negada, e outras faces relacionadas ao medo da morte, como, por exemplo, o

medo da separação de pessoas amadas, da interrupção de objetivos, do que pode acontecer aos que ficam e, em uma perspectiva religiosa, o medo de ser julgado pelo que realizou em vida, e mais de um desses aspectos pode ser temido pelo paciente oncológico (KOVÁCS, 1992).

Para o paciente oncológico, a morte torna-se tema constante desde o momento do diagnóstico, envolvendo todo o tratamento, perdurando, até mesmo, depois dessa etapa, quando há cura ou a morte de fato (BORGES et al., 2006).

Para as crianças, a concepção de morte também está presente. Apesar disso, os adultos, em uma crença de proteção ou de que elas não compreendem esse assunto, evitam falar sobre esse tema ou criam eufemismos, em uma tentativa de aliviar qualquer forma de dor, editando a realidade. Devido a isso, as crianças sentem-se solitárias e confusas sobre o tema, sem ter com quem conversar, enquanto vivenciam emoções com a expectativa acerca da própria morte ao estigmatizar o câncer à terminalidade da vida (KOVÁCS, 1992).

Com isso, as crianças tendem a expressar suas ideias a respeito da morte muitas vezes utilizando desenhos, jogos ou histórias. Nessa faixa etária, enquanto pacientes oncológicos terminais, aligem-se, principalmente, com a ideia de separar-se de seus entes queridos, e o silenciamento a respeito de sua condição reforça a ideia de separação. Por isso, é necessário trazer o tema da morte para o diálogo com a criança de modo sensível, adequando o assunto à linguagem e experiências infantis, para que seja assimilado pela criança de acordo com o seu nível de desenvolvimento cognitivo (TORRES, 2002).

Para o adolescente, o qual já possui cognição desenvolvida e compreende a morte em todos os seus aspectos, a morte é um tema a ser discutido. Sobre esse assunto, o adolescente suscita hipóteses e questionamentos, porém vivencia-o como algo remoto, uma vez que, no seu processo de aquisição de identidade no mundo, a morte não é capaz de atingi-lo, somente cercandoo, afetando parentes ou amigos. Em razão disso, a morte é vista como um desafio marcado por excessos, sejam estes de bebidas alcoólicas ou de velocidade. Para o adolescente com câncer em situação terminal, a súbita mudança de perspectiva a respeito da morte, antes uma situação improvável e agora uma realidade iminente, destina-o abruptamente a uma luta cronológica contra a morte, deixando de ser um desafio prazeroso e passando a ser uma realidade triste e inexorável (BESSA, 2000).

Para o paciente oncológico adulto em fase terminal, a morte adquire uma conotação de vivência cotidiana, sendo comparada a uma demissão no trabalho ou a uma separação. Apesar disso, o medo da morte pelo paciente adulto também perpassa pelo temor ao sofrimento durante o esgotamento da vida, sendo esse aliviado pela união entre família e paciente e com a ajuda dos cuidados paliativos. Ao tomar conhecimento da possibilidade de morte, o paciente adulto com câncer tende a rever suas prioridades e valores, mudando a sua concepção sobre bens materiais adquiridos e revendo os seus hábitos de estilo de vida, os quais muitas vezes eram vivenciados de forma inadequada. Muitos pacientes citam arrependimentos, entre os quais se destaca o trabalho excessivo. Para esses pacientes, o trabalho para acumular bens materiais impediu-os de investir em projetos e relações pessoais, os quais, diante do processo do morrer, tornam-se, geralmente, necessidades urgentes (ARANTES, 2016).

Sob a perspectiva psicológica, esses pacientes oncológicos terminais passam por estágios do processo do morrer, os quais foram formulados por E. Kübler-Ross (1977). Na fase de negação, os pacientes costumam buscar uma segunda opinião, enquanto outros, nessa mesma fase, aparentam uma postura otimista, formulando planos para o futuro, o que configura uma falta de preparação emocional para enfrentar a situação. A segunda fase – raiva – prevalece à medida que a primeira se esgota. Essa raiva, geralmente, é direcionada a médicos, enfermeiros, família-

res ou a Deus. Ainda nessa fase, o paciente sofre com o fato de que os outros permanecerão vivos. Na fase seguinte, de barganha, ele faz acordos consigo e/ou com Deus em busca de maior permanência em vida. Na quarta fase, representada pela depressão, o paciente adquire uma perspectiva pessimista, em que ele não vê outra alternativa à morte, e adquire uma postura introvertida e de silenciamento, sendo importante a atuação da família para cercá-lo de sentimentos positivos. Por último, a fase de aceitação, em que o paciente não teme mais a morte e volta-se para o mundo interior, revivendo experiências passadas como forma de exprimir o valor de sua vida. Percebe-se que o medo de morrer muitas vezes supera a morte como problemática para o paciente, pois reflete a desesperança, o desamparo e a solidão que o acompanha (BORGES et al., 2006).

Na perspectiva do paciente idoso, o qual já completou o seu ciclo de desenvolvimento com todas as expectativas sociais depositadas nele, o medo de morrer é uma experiência particular, não correspondendo ao estereótipo de idoso detentor da sabedoria, o qual está preparado e não temeria a morte. Idosos com câncer em situação terminal, ao se depararem com um ambiente sem familiaridade, como, por exemplo, hospitais ou abrigos para idosos, poderiam ter um medo maior do processo de morrer. Devido a isso, a família e a equipe de saúde possuem uma atuação importante a fim de oferecer-lhes um ambiente tranquilo e de apoio, buscando entendê-los no seu processo de finitude da vida (BORGES et al., 2006).

Assim, percebe-se que o paciente oncológico vê a morte e lhe atribui um sentido de acordo com a etapa em que se encontra no processo de desenvolvimento vital. Essa visão depende também da sua história de vida, de suas vivências e aprendizagens, de sua condição física, psicológica, social e cultural. Em qualquer fase do desenvolvimento humano, a ideia da morte está presente e tem uma representação característica, trazendo um entrelaçamento entre todos os aspectos presentes no decorrer da própria vida (BORGES et al., 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2016.
2. BESSA, L. C. L. *Conquistando a vida: adolescentes em luta contra o câncer*. São Paulo: Summus, 2000.
3. BORGES, A. D. V. S. et al. Percepção da morte pelo paciente oncológico ao longo do desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 361-369, mai./ago. 2006.
4. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
5. SOUZA, L. G. A.; BOEMER, M. R. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. *Medicina Ribeirão Preto*, 38(1), 49-54, 2005.
6. TORRES, W. *A criança diante da morte: desafios*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.